



Pelas ruas e caminhos de Vila Boa de Goiás

A través de las calles y senderos de Vila Boa de Goiás

Josiene Caetano da Silva Juvêncio¹
<https://orcid.org/0009-0000-2242-7900>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

Este relato de experiência traz a descrição de aprendizagem por imersão desenvolvida na disciplina de "Tópicos em História e Filosofia do Ensino de Ciências e Matemática". O estudo narra a vivência de um grupo de estudantes de pós-graduação na cidade de Goiás (antiga Vila Boa de Goiás), com o objetivo de investigar como o território pode ser transformado em laboratório vivo para discussões acadêmicas. A metodologia pautou-se no ensino investigativo e na "escrita criativa", utilizando o deslocamento físico pelas ruas históricas, visitas guiadas e atividades sensoriais, como a produção de perfumes e aquarelas com pigmentos naturais para a construção do conhecimento. A imersão permitiu uma conexão profunda com a história oficial e não registrada da região — marcada por embates entre poder, resistência e saberes tradicionais locais. Destaca-se que a experiência transcendeu a formação técnica, promovendo uma ressignificação da jornada docente ao integrar as dimensões cognitiva, sensorial e emocional. A vivência reforçou a necessidade de uma educação conectada com a história local e a valorização do saber ancestral como ferramenta para uma prática pedagógica mais crítica e empática.

Palavras-chave: Educação por Imersão. Memória. Saberes e Vivências. Cidade de Goiás.

Resumen

Este informe describe una experiencia de aprendizaje inmersivo desarrollada en el curso "Temas de Historia y Filosofía de la Didáctica de las Ciencias y las Matemáticas". El

¹Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFU, josiene.caetano@ufu.br





estudio narra la experiencia de un grupo de estudiantes de posgrado en la ciudad de Goiás (antes Vila Boa de Goiás), con el objetivo de investigar cómo el territorio puede transformarse en un laboratorio vivo para el debate académico. La metodología se basó en la enseñanza investigativa y la escritura creativa, utilizando el desplazamiento físico por calles históricas, visitas guiadas y actividades sensoriales, como la elaboración de perfumes y acuarelas con pigmentos naturales para la construcción del conocimiento. La inmersión permitió una profunda conexión con la historia oficial y no documentada de la región, marcada por los conflictos entre el poder, la resistencia y el saber tradicional local. Cabe destacar que la experiencia trascendió la formación técnica, promoviendo una resignificación del proceso de enseñanza mediante la integración de las dimensiones cognitiva, sensorial y emocional. La experiencia reforzó la necesidad de una educación vinculada a la historia local y la valoración del saber ancestral como herramienta para una práctica pedagógica más crítica y empática.

Palabras clave: Educación por inmersión. Memoria. Conocimientos y experiencias. Ciudad de Goiás.

Introdução

Conectar-se ao passado mediante a construção de memórias vivas e carregadas de sensações é transformar os registros em atos atuais e significativos para descobertas que constroem um novo olhar e pensar, recheado de expectativas que entrelaçam presente e passado. Reviver uma parte da história que representa a origem de um sistema baseado em muita luta, em que o poder, a riqueza e a religião se comunicam e se contrapõem, revela um caminho marcado pela resistência, descendência, construções que demonstram a força de tantas pessoas que deixaram sua marca na história.

Minhas expectativas se transformaram em sentimentos intensos – a admiração pela beleza do lugar e a saudade de um tempo que não vivi, mas que agora sinto como parte da minha memória ancestral. Mergulhar na história de forma tão concreta por meio das ruas de pedras e casarões históricos, despertou em mim detalhes da missão à qual me dedico há tantos anos: levar aos meus alunos não apenas a transmissão de conhecimento, mas também tornar cada aprendizagem uma aventura fascinante e encantadora.

PRÉ-VIAGEM



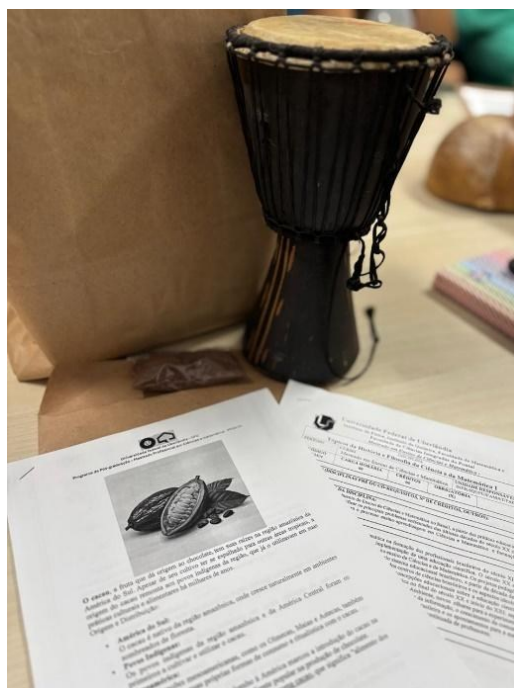
Nossa viagem começou no momento da nossa matrícula na disciplina de Tópicos em História e Filosofia do Ensino de Ciências e Matemática. A partir da proposta colocada pelo professor por meio de diálogos informais, nossa curiosidade se instalou em nosso interior. Na primeira aula, em que o professor nos acolheria e apresentaria a proposta de disciplina imersiva, as expectativas eram enormes, com muitas surpresas, tanto para nós quanto para ele. A experiência se desenhou num formato por muitos de nós ainda não vivenciado, configurando-se como um “momento-travessia”, em que os alunos construiriam conhecimento a partir de seu movimento pelas ruas de Goiás, 'inventar outra vez o próprio caminho' (Fischer, 2021).

Inicialmente, estavam matriculados apenas seis alunos para a disciplina; no entanto, a surpresa veio e, aquela pequena sala que ele havia separado, preparada com tantos mimos, encheu-se, com doze pessoas matriculadas. Iniciava-se, assim, uma experiência que, desde o primeiro momento, já se tornava inesquecível. O professor, com muito cuidado e zelo, nos apresentou a disciplina de uma forma tranquila, criativa e encantadora. Imaginar como seria a viagem, como seria nossa hospedagem, nossos momentos de alimentação, enfim, como seria essa experiência de viver uma disciplina por imersão, já era o ponto inicial dessa aventura.

Em particular, eu e mais duas amigas, tivemos a iniciativa de levar nossas famílias, esposos e filhas, para viver essa experiência que nos proporcionaria uma integração dos nossos diversos papéis: mãe, esposa, professora e estudante. Foram vários dias de planejamento e busca por um local que acomodasse a todos; afinal, seriam 12 pessoas, sendo seis adultos e seis crianças, belas meninas que também viveriam dias de aventura, novas descobertas e muita diversão.

Expectativas foram compartilhadas em busca de novos conhecimentos, de um novo olhar sobre a disciplina e, também, na expectativa de novas amizades e novas relações pessoais. Além de nos fazer refletir sobre nossa própria didática, indagava-nos como podemos encantar os alunos a cada novo conteúdo, transformando nossas aulas em um caminho de descobertas regadas a alegria e curiosidade?

Figura 1 – Kit primeira aula da disciplina



Fonte – Autoria própria, 2025.

O TRAJETO DE IDA

Nossa aventura iniciou no domingo de manhã, quando saímos em viagem em grupo, em três carros, cada um com sua família. Planejamos almoçar na cidade de turismo católico de Trindade, próxima à Goiânia, um lugar marcado pela fé que também nos movia até lá. O dia estava quente, ensolarado, mas muito bonito e sentimos na pele o que haveríamos de experimentar por aqueles dias que viriam. Foi um momento abençoado, o primeiro contato entre as famílias. Compartilhamos o almoço e, logo após, seguimos viagem para a cidade de Goiás.

Chegamos ao nosso destino no final da tarde daquele domingo, acomodamo-nos na pequena chácara que alugamos, organizamos nossas bagagens em um momento de partilha e de novos contatos entre nossas famílias. Finalizamos o dia já com a expectativa de um início de uma semana que seria cheia de novidades, de novos conhecimentos e, acima de tudo, com desejo de poder conhecer aquele lugar que esconde em cada canto uma história.



1º DIA

O primeiro dia iniciou na segunda de manhã, às oito horas, com um encontro marcado na casa sede, em que nosso professor da disciplina, professores convidados e nossos colegas, os quais não vieram acompanhados de suas famílias, se hospedaram. Esse lugar se tornou um espaço de encontros, partilhas e estadia. Os professores nos acolheram, tivemos um café carregado de muito zelo e carinho, todos se apresentaram, falando de si e das expectativas para os próximos dias. Em seguida, o cronograma da disciplina nos foi repassado.

Como primeira atividade, recebemos uma proposta bem interessante: com um mapa e um bloquinho nas mãos, sair pelas ruas daquela cidade, até então desconhecida, em busca de registros, de conhecer aquele lugar, com um olhar individual. Deveríamos registrar o que nos chamasse atenção, o que tocasse os nossos sentimentos, que fizesse sentindo para cada um, descobrindo tanto a história quanto o que estava por trás daquele povo que ali mora. Nossa missão de registrar, anotar, ouvir, gravar todas as primeiras impressões que aquele lugar nos contava. Cada caminho traçado, cada ponto conhecido, tudo aquilo que nos chamasse a atenção e nos causasse admiração, curiosidade, devia ser registrado em nossa memória, em nosso caderninho e em nosso coração.

Foi possível refletir, por meio deste olhar individualizado e sensível, sobre o ensino investigativo que este curso de pós-graduação tem nos apresentado de várias formas. Assim, nesse momento em especial, ao sair pelas ruas, não como turista, mas como uma pesquisadora, busquei dados históricos, sociais e emocionais que transbordava em cada lugar por onde caminhávamos.

O centro histórico, na cidade de Goiás, nos faz lembrar da época que o Brasil era conhecido pelo ciclo do ouro, quando os bandeirantes chegaram há quase trezentos anos, expropriaram as terras de seus donos nativos, os povos indígenas, os escravizaram e fundaram um povoado que ficou conhecido como Vila Boa de Goiás, que se tornaria a primeira capital do estado.

Nossa próxima atividade, foi iniciada pelo professor convidado, que nos apresentou uma ação com muitas sensações; produzimos um perfume para nossas aulas. Tínhamos disponíveis algumas essências e o material necessário para que, com o consenso de todos os estudantes, compuséssemos esta fragrância, que se tornaria uma



memória olfativa da nossa disciplina, ancorando as teorias que discutiríamos pelos próximos dias. Após este momento delicioso, compartilhamos de forma oral nossas descobertas até aquele momento.

Em seguida, seguimos para a hora do almoço, um momento realizado no Mercado, onde pudemos ser acompanhados por nossas famílias e participar, compartilhando com todos os nossos colegas cada ensinamento, cada passeio, cada descoberta. Foi um momento também de conhecer novos sabores, por meio dos alimentos saborear da cultura do povo goiano.

Logo após o almoço, continuamos nossa jornada, agora em grupo e na companhia do professor, que iniciou as visitas dirigidas sob a sua perspectiva de ex-morador, ex-visitante e, agora, nos concedendo o privilégio de nos guiar por meio da história que estava ali escondida ou, poderíamos dizer, a história que cada canto daquele lugar conta e se apresenta.

Iniciamos pelo Colégio Sant'Ana, fundado para uma segunda casa de missão no Brasil, pelas Irmãs Dominicanas, na antiga capital do estado. O colégio foi dirigido por essas religiosas, onde atendia a educação das jovens ricas que aqui moravam. Em 1919, foi também o lugar que acolheu todas as vítimas da gripe espanhola, acometidas naquele ano. Hoje, sedia um *campus* da Universidade Federal de Goiás, oferecendo cursos de graduação que atendem às demandas da comunidade. Localiza-se num lugar que tem uma história muito marcada e registrada em seus prédios, em seu calçamento e, também, em seus monumentos. Em frente, temos a Praça do Largo Chafariz, cenário de momentos de violência, lutas, resistência, tristeza e melancolia do povo que ali habitava e que construiu e constituiu a história de Vila Boa de Goiás.

O Colégio Sant'Ana hoje tem uma importância muito grande com a educação daqueles que ali vivem. No entanto, também nos conta, através de todo o seu corpo, de toda a sua construção, a história que ali se escreveu, cheia de contextos e versões, mas que se ergueu por meio do acolhimento e do conhecimento.

Em seguida, visitamos o Quartel do XX, que também se localiza na praça do Largo do Chafariz. Ele foi formado a partir da adaptação de algumas residências para a finalidade militar, que iniciou suas atividades no final do século XVIII. Seu modelo arquitetônico panóptico de Foucault (1987), que revela seu conceito disciplinar e de



vigilância, aplicado em diversas instituições. Hoje, após tanto tempo e reformas, sedia um centro de especialização profissional. No momento em que o visitamos, se encontrava em reforma.

Ao caminhar pelas ruas calçadas de pedras desta praça, o professor nos contou diversas histórias, algumas não registradas nas páginas dos livros de história, mas que está incrustada na memória, desenhadas na arquitetura das edificações e nos corações daqueles que construíram a comunidade. Dessa forma, o espaço físico é um registro onde a história oficial e a história não registrada, poder *versus* resistência, busca visibilidade, como nos advertem Gondra e Schueler (2009, p. 41), o que se manifesta são os “embates entre memórias e histórias”.

Foi um dia de muito sol, tornando nossa jornada mais cansativa. Caminhamos bastante pelo centro histórico da cidade de Goiás, aprendemos muitas coisas e muitos relatos foram ouvidos. Assim, a história local começou a ser desenhada por meio de janelas, de fachadas, de construções e monumentos que se revelam ao longo do tempo. Essas marcas nos levavam à reflexão de que tanta beleza e encantamento surgiram a partir de um período de muita violência e exploração. Tal percepção construiu uma nova perspectiva sobre as histórias registradas nos livros, para nos mover para um lugar de professores críticos. O objetivo é aplicar tudo isso no chão da sala de aula, estimulando nossos alunos a buscarem, também, as histórias não registradas.

Este primeiro dia foi finalizado com uma atividade noturna, que se deu em um lugar marcante: a mesma praça que visitamos durante o dia e que agora se apresentava à noite com seus encantos e histórias, a Praça do Largo Chafariz. Um lugar que se ergueu à base de muita exploração, violência e poder, mas que hoje, de forma central, nos deixa um espaço para reflexão. Nesse momento, sentados na grama, em frente ao Chafariz, pudemos, sob a condução dos nossos professores, compartilhar um momento bem agradável, regado a muito significado de sabores, de odores e também do tato. Produzimos um hidratante utilizando alguns aromas e essências, em que cada um pode colocar um pouquinho da sua própria essência, relatando sua experiência naquele dia – o primeiro dia de descobertas, de muita intensidade, de muita dedicação, em que o novo se faz presente por intermédio da história daquele lugar.



Figura 2 - Materiais para a obtenção do perfume da disciplina



Fonte: Autoria própria, 2025.

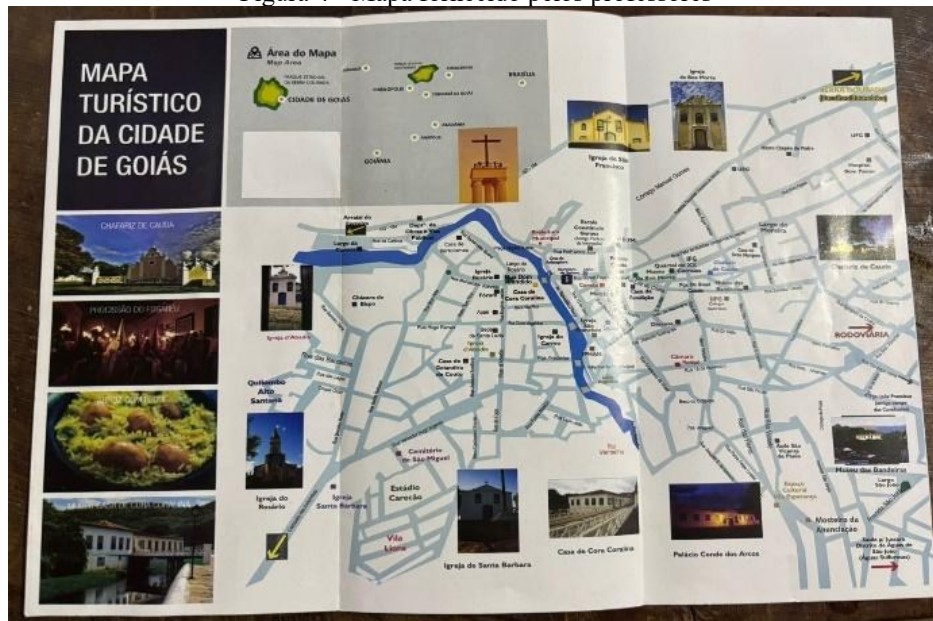
Figura 3 - Santuário de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 4 - Mapa fornecido pelos professores



Fonte: Autoria própria, 2025.

2º DIA

Após o café da manhã na casa sede, nosso segundo dia começou com uma visita à Casa da Agricultura Familiar, onde Dona Maria Luíza, coordenadora da Pastoral da Saúde do município, nos contou toda a sua história, sua trajetória. Ela nos mostrou como a agricultura familiar interfere, ajuda e transforma a vida daquela comunidade. Ademais, ela nos mostrou que todos aqueles ensinamentos foram transmitidos através das gerações, passados por cada comunidade, cada tribo, cada povo que ali viveu, ainda perduram e conseguem influenciar e mudar o dia a dia das pessoas que por ali passam.

Tivemos, ainda, o prazer de provar do seu bolinho de fubá de arroz que estava delicioso, desmanchando na boca. Tivemos acesso a todos aqueles materiais e produtos que estão disponíveis para comercialização, obtidos a partir do trabalho das comunidades que rodeiam a cidade e compõem a pastoral. Foi um choque de realidade e inspiração, que nos move para uma reflexão acerca do entrelaçamento da ciência que toda aquela sabedoria ancestral e popular transmite com o conhecimento científico que carregamos e levamos para sala de aula por meio da valorização dos saberes locais.

Nosso segundo compromisso do dia foi a visita à casa de uma das moradoras mais ilustres de Goiás: a poetisa Cora Coralina. O local hoje é um museu dedicado a relatar,



através de seus cômodos, móveis e registros, a trajetória e a influência daquela que, por meio de suas poesias contou a realidade e os sentimentos dos vilaboenses. A visita ao Museu da Cora Coralina foi guiada e nos revelou muito da sua história, essência e vida. Naquela casa, Cora Coralina viveu parte de sua vida, um local que esconde, nas paredes e objetos, uma dedicação àquela comunidade, de uma simples doceira que eternizou sua vida e sua história por meio de seus poemas. Não posso deixar de relatar que este momento foi acompanhado por nossos familiares, que conheceram a história daquela que nos encanta com seus livros de poesias.

Estes dois lugares que visitamos nos mostraram exemplos de mulheres inspiradoras e fortes, o que me motivou e reafirmou minha caminhada neste curso, mostrando que, apesar dos vários anos distante de uma formação, posso deixar minha marca e posso seguir confiante no desejo que carrego em transformar a realidade de meus alunos através da educação.

Posteriormente a um delicioso almoço, seguimos com nossos compromissos do dia. Visitamos o Palácio Conde dos Arcos, onde conhecemos o poder da história que circunda aquele casarão. Quem nos guiou foi um ilustre funcionário, conhecedor nato de cada cantinho daquele lugar, o Sr. José, historiador e anfitrião, que nos recebeu com muita alegria e uma prosa muito boa. Por meio dos registros, fotografias, obras de arte, de cada cômodo e móvel, ele nos relatou toda a história que aquele lugar conta e que ainda é vivenciada pelo menos uma vez ao ano, quando a cidade de Goiás, Vila Boa de Goiás, volta a ser a capital do Estado e recebe o governador do estado. Dessa forma, o Palácio Conde dos Arcos, retrata um local cheio de marcas, tanto de poder quanto da história da submissão de um povo sofrido.

Após visitar estes lugares, confirmamos a perspectiva de que o Brasil é marcado pela “viagem redonda do patrimonialismo ao estamento” (Faoro, 1994), na qual o poder se renova, mas continua como aparato estatal para uso em benefício próprio dos que detêm tal poderio.

Na sequência, tivemos um tempinho de descanso e caminhando novamente pelas ruas calçadas de pedras, nos deparamos novamente com a Cruz do Anhanguera, um marco histórico localizado às margens do Rio Vermelho, pertinho do Museu da Casa da Cora



Coralina, onde uma réplica da cruz original, lugar apreciado por todos que visitam a cidade, pois representa a influência da igreja na exploração e colonização daquele lugar.

Ao retornarmos para a atividade noturna, a atividade foi desenvolvida com a professora convidada, que, com seu carisma e paciência, nos propôs a construção de um texto, de uma escrita criativa, a partir de comandos, em que pudéssemos representar de forma escrita, a partir de uma árvore todo processo vivido e todos os fatos marcantes que até aquele instante nos guiavam por essa disciplina. Os momentos marcantes, os lugares que nos deixaram ensinamentos, lembranças ... foi uma noite de produção muito positiva e, também, de poder reviver cada momento naquele lugar incrível.

Figura 5 - Casa da Agricultura Familiar



Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 6 - Museu Cora Coralina



Fonte: Autoria própria, 2025.

3º DIA

O terceiro dia de nossa imersão começou com a produção de novos registros da cidade sob um novo olhar, a partir de todas as vivências, da história narrada e escrita. Em seguida, dirigimo-nos para o Quilombo Alto Santana, um local em que a resistência de um povo negro se consolida, com muito significado e cultura. Por meio da história contada pelos antepassados e repassada ao longo dos anos, encontramos uma moradora que nos relatou sobre sua vivência e sua vida, permitindo-nos perceber a riqueza e toda a história que circunda aquele povo que sobreviveu e resistiu a tantas injustiças e ao poder de poucos. Todavia, esse povo se fortaleceu e ainda luta em busca do reconhecimento de seus direitos e da autenticidade da sua história.

Este momento foi muito intenso. O contato com o Quilombo e a escuta ativa com uma de suas moradoras quebrou toda a abstração que eu tinha sobre este contexto histórico que eu carregava e me despertou o compromisso de trazer para a sala de aula a legitimidade da história que a resistência dos quilombos ainda escreve Brasil afora.

Logo após o almoço, visitamos o Bacalhau, um bairro um pouco distante do centro histórico, mas que também registra a história daquele lugar com seus casarões coloridos



e arborizados às margens do Rio Bacalhau. O rio se encontrava seco devido à estiagem, mas guarda parte da história de Goiás Velho. É um local, hoje, habitado por pessoas de poder aquisitivo um pouco maior, mas que foi cenário da luta do povo que construiu aquele lugar.

Figura 7 – Bacalhau



Fonte: Autoria própria, 2025.



Seguimos a nossa tarde em alguns pontos históricos da cidade: visitamos o Museu das Bandeiras, onde reconhecemos a história daquele lugar por meio da edificação, dos seus artefatos e de uma visita guiada. Depois seguimos para outros lugares a partir da indicação do nosso professor, às margens do Rio Vermelho. Mesmo silencioso, o rio carrega em suas águas uma história de resistência e luta do povo que ali vivia com a chegada dos bandeirantes, principalmente do mais famoso Bartolomeu Bueno da Silva, o famoso Anhanguera. Em busca de ouro, da captura de indígenas e da exploração do povo negro, ele conseguiu dominar aquele espaço. Mas hoje, aquelas águas que por ali passam nos mostram a riqueza do local, sua potencialidade e como o povo que ali habitava, mesmo marcado pela violência, escravização e expropriação das suas terras, consegue mostrar a sua força.

Figura 8 - Vista da janela do Museu das Bandeiras



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nossa última noite de estudos foi marcada por um momento delicioso. Nele, pudemos juntar todos os alunos e nossas famílias na casa sede para produzir um macarrão caseiro. Antes da produção e degustação, compartilhamos uma imagem que nos marcou até aquele momento e todas as nossas vivências naquele local, toda a história que conseguimos identificar através dos depoimentos e nosso entendimento. Nesse momento de aprendizado e sabores, conseguimos nos unir e aproximar de todos que estavam envolvidos nessa imersão.

Figura 9 - Maquete do Museu das Bandeiras



Fonte: Autoria própria, 2025.

4º DIA

O quarto dia iniciou-se com mais um café da manhã delicioso. Logo após, fomos visitar a casa em que o famoso bandeirante Anhangüera viveu parte de sua vida. Um casarão histórico, bem conservado, marcado por espaços que retratam a história, não somente daquela cidade, mas do nosso país, a história do povo brasileiro. Com o passar dos anos, esse local exemplifica e mostra que a busca das riquezas minerais, a exploração do nosso interior por aqueles que aqui chegaram e o uso da força e da violência contra os povos que aqui viviam e aqueles povos trazidos, demonstram que a nossa história foi construída alicerçada na força e coragem de muitos que lutaram bravamente.

Nossa última atividade dessa disciplina, que transformou a nossa vivência tanto como profissional da educação quanto como estudante, aconteceu na casa sede, uma proposta deixada pelos nossos professores, conduzida pelo professor convidado. Construímos uma pintura em aquarela, a partir de tintas feitas de pigmentos naturais, retratando individualmente uma imagem que ficou marcada durante essa disciplina, a qual representava a vivência profunda, intensa, cheia de emoções, carregada de muita história, e nos levou a repensar e refletir sobre a nossa própria trajetória.



Em particular, retratei alguns elementos: uma janela colorida, que ali se faz presente em todas as edificações, rústicas, bem desenhadas, mas que através delas é possível ver uma imensidão de acontecimentos. Ela representa o novo olhar que adquiri ao longo desses dias, a abertura para o inusitado e a beleza das diferentes perspectivas que o mestrado exige. Coloquei, também, o Rio Vermelho, um recurso natural indispensável para os seres vivos, mas que, naquele contexto cultural, social e histórico, nos representa muito, pois é pelo fluir daquelas águas que podemos observar várias possibilidades; seu curso, a fertilidade que pode proporcionar para as terras que o circundam; além de representar as riquezas, a luta, o medo, a morte e a renovação de um povo que sofreu com a exploração de Goiás. Representa o medo de um povo. Hoje o rio é bem assoreado, mas ainda carrega a energia que ali se pode obter. Por meio de seu movimento, nos leva a refletir sobre todas as fragilidades, sobre toda a história que por ali perpassou, ressaltando a importância da Educação Ambiental. Como nos alerta Krasilchik (2008, p. 15), o risco é que “aquilo que não se compreende, não se valoriza”, e o que não se valoriza “terá cada vez menos chance de preservação”, e, ainda, sobre a valorização da vida por meio do conhecimento.

Representei, também, uma pequena capela/igreja, que além de demonstrar a minha fé inabalável no poder transformador da Educação, representa também a fé daquele povo, uma vez que até hoje, através das suas devoções, das suas atividades, deixa clara a riqueza cultural deixada ao longo do tempo, a qual se torna o caminho para emancipação e a construção de um futuro mais justo.

E, para finalizar toda essa imersão, essa disciplina que fez repensar, construir novos conceitos, quebrar paradigmas que possuíamos ao longo da nossa formação, tivemos o último momento de partilha e despedida. Despedimo-nos daquele local, uns dos outros, pois a partir dali seguiríamos a viagem de retorno para nossas casas. Partimos com o coração transbordando, cheio de gratidão pela oportunidade que tivemos de vivenciarmos na pele toda aquela história e, também, de podermos visualizar a sua influência até os dias de hoje. Essa influência nos faz repensar a nossa metodologia, o nosso dia a dia no chão da escola, faz-nos refletir e tomarmos, a partir daí, novos caminhos, um novo ver pedagógico. Foi um momento muito bonito e emocionante, em



que pudemos, com abraços, sorrisos e lágrimas, finalizar – ou melhor, encerrar – esses dias intensos, quentes, mas cheios de muito significado.

Figura 10 - Aquarela criada a partir das minhas vivências na disciplina



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 11 - Casa do Anhanguera



Fonte: Autoria própria, 2025.



Considerações finais

A viagem de imersão à Cidade de Goiás transcendeu o desenho de uma disciplina formal, sendo um verdadeiro rito de passagem que ressignificou minha jornada acadêmica e profissional. Não foram momentos de acúmulo de conteúdos, mas de uma integração entre corpo, mente e emoção, em que construímos novos saberes a partir do movimento, dos sentidos e da escuta. A experiência nos demonstrou de forma prática que uma disciplina imersiva transforma o território em currículo e laboratório vivo para discussões sobre a História e Filosofia do Ensino de Ciências e Matemática, numa perspectiva crítica e plural, por meio da valorização do ecossistema e do saber local tradicional.

Esta disciplina foi, em sua essência, objeto concreto que a pesquisa e a educação não devem ficar somente entre os muros da escola, pois está em todos os lugares e se manifesta no bolo de fubá de arroz, no perfume exalado, no silêncio dos casarões históricos, em cada janela colorida e bem desenhada, no leito do rio e na história contada. Retorno para casa com o coração transbordando de gratidão e propósitos, não apenas fotografias e anotações, mas uma memória sensorial e emocional que me guiará para um novo olhar docente – mais crítico, empático e conectado com a história. Além de ter vivido dias incríveis com minha família e novos amigos, inspira-me a perseverar e valorizar minha jornada.

Referências

- FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Ática, 1994.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Por uma escuta da arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 1-23, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramalhe. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 26, p. 35-55, 2009.
- KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.